



A ARTE DOS CONTOS

Infantil e Juvenil



RIO 
PREFEITURA

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

Com grande alegria, apresentamos a segunda coletânea do Projeto A Arte dos Contos, envolvendo, desta vez, a produção autoral de professores e demais profissionais que integram a comunidade escolar, com textos destinados aos jovens estudantes da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

O ponto de partida deste trabalho foi a participação voluntária destes profissionais nas rodas de conversa, organizadas a partir da leitura prévia de contos de grandes autores nacionais, realizadas nas escolas participantes do projeto.

Esta iniciativa pioneira, fruto da parceria entre a MultiRio e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, possibilitou a todos os envolvidos a aproximação entre leitores e textos literários e a oportunidade de estabelecer novos laços, ampliando a troca de ideias e de experiências entre os diferentes segmentos da comunidade escolar.

Parabenizamos a todos os participantes do projeto e, em especial, aos autores desta coletânea, desejando a todos ótimas leituras!

Adolpho Konder

Diretor-Presidente da Empresa Municipal
de Multimeios Ltda. – MultiRio

A ARTE DOS CONTOS

Infantil e Juvenil

Dedicado a
Caíque Botkay
Idealizador do **Projeto A Arte dos Contos**
In memoriam

A ARTE DOS CONTOS

Infantil e Juvenil

Rio de Janeiro

MultiRio · Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

2019

MARCELO CRIVELLA

Prefeito da Cidade
do Rio de Janeiro

TALMA ROMERO SUANE

Secretária Municipal de
Educação – SME

ADOLPHO KONDER

Diretor-Presidente da
Empresa Municipal de
Multimeios Ltda. – MultiRio

MULTIRIO**CHEFIA DE GABINETE**

Andre Novo

**ASSESSORIA DE
ARTICULAÇÃO
PEDAGÓGICA**

Simone Monteiro

**DIRETORIA DE
MÍDIA E EDUCAÇÃO**

Eduardo Guedes

EDIÇÃO

Regina Protasio

REVISÃO

Andrea Boechat
Gustavo Fonseca

**ASSESSORIA
DE PESQUISA E
DOCUMENTAÇÃO**

Cyntia Motta

**NÚCLEO DE ARTES
GRÁFICAS E ANIMAÇÃO**

Marcelo Salerno

**GERÊNCIA DE
ARTES GRÁFICAS**

Ana Cristina Lemos

**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Daniel Nogueira

**SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO****SUBSECRETARIA
DE ENSINO**

Rejane Pereira Faria
da Costa

GERÊNCIA DE LEITURA

Carla Andrea
Dias Celestino

**COORDENAÇÃO DO
PROJETO DAS ESCOLAS
DE TURNO ÚNICO**

Krisna Leone Mendes
Valentim dos Santos

ILUSTRAÇÕES

Rafael Carneiro Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

R585 Rio de Janeiro, (RJ). Empresa Municipal de Multimeios.

A arte dos contos : infantil e juvenil / Empresa
Municipal de Multimeios. — Rio de Janeiro : MultiRio,
2019.

72 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-60354-45-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Contos. I. Empresa
Municipal de Multimeios (MultiRio). II. Título.

CDD 808.899282

O Projeto A Arte dos Contos, parceria entre a MultiRio e a Secretaria Municipal de Educação, apresenta o segundo volume de contos, com sugestivos desenhos, agora na área da Literatura Infantojuvenil, com narrativas escritas por profissionais da Educação, resultando em frutuosa criação. Com a originalidade e a perspectiva pessoal de cada autor, atrás da rica e soberana civilização da infância. Ou infância ou adolescência que nos fazem retornar à água pura de um poço que, em nós, jamais há de secar. Nem podemos sentar de costas à sua absoluta realidade.

Esta é uma nova forma de leitura, com retorno intencional, que se quer e consegue ser formadora do amor ao livro, em contato valioso com o universo infantojuvenil, apropriação de gênero e singularidade, que fez de Machado de Assis, antológico Mestre.

Não lemos apenas os textos, também somos lidos por eles, na medida em que nos identificam ou nos descobrem. Porque os leitores não escapam da mensagem, entram no labirinto, ou interior da vertigem, ou da paixão, ou da fábula dos que escrevem.

E, assim, verificamos na qualidade, a feitura, a marca do estilo, temperamento, sobretudo, a amorosa visão dos autores, tendo o aceno copioso da imaginação na experiência e a experiência na imaginação. Onde tudo se abre e inaugura. Com o que Jorge Luiz Borges denominava “a felicidade das palavras”. Ou a felicidade de as palavras nos amarem.

E cada leitura é porta ou bater mágico, uma troca de espírito, com o desencadear dos dons, a harmonia do mundo e o despertar precioso da linguagem, como trovão no relâmpago. E dentro da possibilidade de interpretação, acesa pelo fogo da arte de narrar e sonhar. E o soprar da liberdade. Com a da criação, a da existência. Ou educação pela alma. Ou educador é ir mudando devagar a casa da alma.

O Projeto, portanto, tem o invencível mérito de provocar e redimensionar as coisas e as vidas. Que a roda de leitura é a contínua e absorvente roda da invenção, estendendo a todos, a mesma medida de humanidade. Aquela que se esconde no mistério das palavras. Ou de suas verdejantes sombras, ou relatos. E no afeto, aqui, posto é o tesouro, onde desce o coração.

CARLOS NEJAR

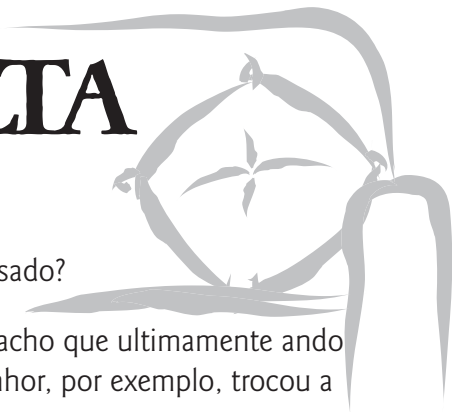
Escritor da Academia Brasileira de Letras

SUMÁRIO

A consulta	9
O mistério da noite	13
Criança sabe das coisas	17
A grande serpente	19
O alvará dos pássaros	23
A invasão	29
Sorricão, um sorriso inesquecível	35
Meia-noite no casarão	41
A vez dos ratos e das tartarugas	47
A palavra	53
Entre talheres... ou ontem teve marmelada? Teve e como teve!	57
No trabalho da mamãe	61
O carvalho	65
Dom Ratão	67
As bolas	71

A CONSULTA

LUIZ PAULO RIBEIRO LIMA



- Bom dia, senhor Lobo. Como tem passado?
- Olá, doutor. Tudo como sempre, mas acho que ultimamente ando mais reflexivo, mais observador. O senhor, por exemplo, trocou a foto da sua família.

Olhando para o porta-retrato, o doutor Carvalho deu um leve sorriso, e voltou-se para o seu paciente, que desandou a falar:

- Sabe, doutor, estou cansado de ser o vilão da história. Ninguém quer conhecer minha versão. Estou sempre como o malvado. O pior de tudo é não importar qual a história, eu sou aquele que não presta. Trabalhei no conto da Chapeuzinho Vermelho. E qual o final? Tenho a minha barriga, que me custou muita malhação para deixá-la tanquinho, cortada pelo caçador. Fiquei lá sangrando, mais de duas horas esperando a chegada dos socorristas. É, doutor, ninguém nunca me perguntou como encontrei a Chapéu na floresta. Eu não estava lá por acaso, não, não, não; foi a menina que me passou um whatsapp, dizendo para me encontrar com ela. Pena que só depois percebi que era tudo armação. Cheguei à casa daquela idosa, indicado pela menina. Ela é que disse que a vovó queria me contratar como personal. Pois é, sou formado em Educação Física...
- Interessante, continue.
- Cheguei, ela abriu a porta, ofereceu chá com biscoito. Eu só aceitei o chá. Depois, perguntou se podia ajudá-la na costura de um novo robe de chambre. Como tô precisando de dinheiro, e, para agradar, achando que ela iria me contratar, vesti.
- Quais foram seus sentimentos em relação a estar vestido de anciã?

– Ridículo, né, doutor, ridículo!!!

E continuou: Foi quando o celular da senhora tocou. Ela atendeu, e, com um sorriso naquela pele sem colágeno, disse que estava tudo certo. Desligou, falou que tinha que ir ao segundo andar pegar uma agulha. Aí, entrou a Chapéu e o lenhador. Ele já foi logo abrindo a minha barriga tanquinho. A sorte foi a Bruxa Má estar passando na hora e gritar. Isso fez juntar muitos seres na porta daquela moça de muita idade. Sem ter o que fazer, eles chamaram a emergência, me acusaram de ter comido a neta e a vó. Tudo mentira! O que eles queriam era chamar a atenção da mídia, e, com isso, criar um reality show sobre a família Chapéu. Ridículos!!!

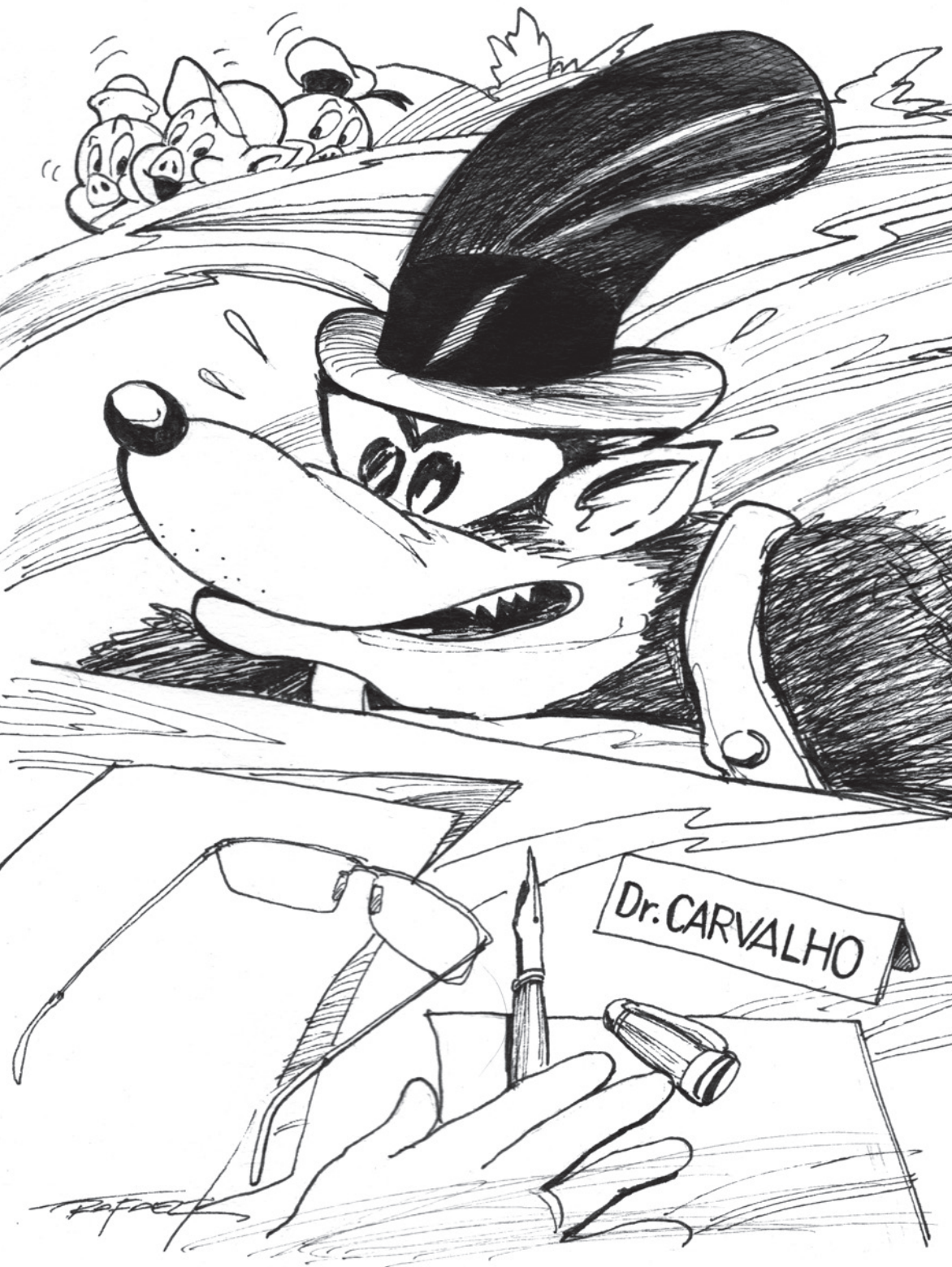
– E os três porquinhos?

– Dizem que eu soprei e derrubei a casa dos três coitadinhos, largamente verticais, mas a verdade é outra.

– Existe a verdade, senhor Lobo? Qual é a verdade?

– Quer mesmo saber? Fui contratado para fazer os pequenos suínos perderem um pouco daquele bacon acumulado na cintura. Otário, eu sou mesmo muito otário! Achei que eles tinham força de vontade, mas nem tiram aqueles macacões ridículos para praticar os exercícios. Como primeira atividade, propus que corressem. Correram foi para dentro da casa do mais novinho, o Cícero, e aí, quando eu bati na porta falando para saírem, o casebre caiu.

Respirou fundo e continuou: – Mas qual é a história? A de que eu derrubei, mas não ficou só nisso não, correram e se trancaram na casa do Heitor. Fui lá, bati na porta, argumentei a necessidade das atividades físicas, e nada. Aí bati mais forte e disse que tudo bem, mas eles tinham que me pagar. Casa de esterco!!! Caiu e novamente correram... para a casa do Prático. O que fizeram? Ligaram para a polícia da floresta, dizendo que eu os estava assediando. Tudo conversa, doutor; eles fizeram isso de caso pensado, pois o dragão da



floresta que está fazendo bico na seguradora disse que eles ganharam uma grana do seguro, já que suas casas foram “destruídas”. Safados doutor, são safados...

– Bom, sua hora acabou. Vamos continuar na semana que vem. Vou lhe receitar um calmante. Ah, a consulta aumentou, agora está quatrocentos e cinquenta, como você é meu cliente há muito tempo, tem um desconto. Vê com a secretária e tenha uma ótima semana.

E falou com a secretária: – Dona Baratinha, pode mandar entrar a Rainha Má...

LUIZ PAULO RIBEIRO LIMA

PI de História na E.M. Ceará/3ª CRE

O MISTÉRIO DA NOITE

MARILENE CONSTANTINO E ROSANIA GOMES

A noite caía e, mais uma vez, Lucas previa os momentos angustiantes que teria de enfrentar e que se sucediam rotineiramente e por etapas. A primeira começava com a ordem expressa “Já pra cama, hora de dormir!”, anunciada pela voz mais potente da casa. Não havia como contestar ou mesmo escapar!

Após esse momento de total obstinação, era chegada a hora ainda mais temida: a de ter que se enfiar debaixo dos lençóis – ato que exigia do menino um enorme esforço e uma grande prova de coragem. Era, sem dúvida, a pior parte daquela rotina!

O MENINO TINHA UMA IRMÃ chamada Lena, menina admirável e de atitudes seguras, que dividia com ele o mesmo quarto daquela modesta casa.

À noite, ela observava, com estranheza, o nervosismo de Lucas. Sua inquietude ao anoitecer muito a incomodava, mas exercendo a obediência costumeira, logo adormecia e não pensava mais no irmão.

Todas as manhãs, ao despertar, ela se deparava com uma situação que a deixava intrigada e profundamente irritada: acordava sempre na cama de Lucas e não na sua!

Que mistério! Tinha a certeza de não ser sonâmbula, apesar de ter sono “pesado”. Como tal fato acontecia?

Dona Rosa, mãe das crianças, tinha a tarefa de acordar os filhos para começar a rotina deles antes da condução buscá-los para a ida ao colégio. Ao abrir a porta do quarto, encontrava Lena sempre na cama

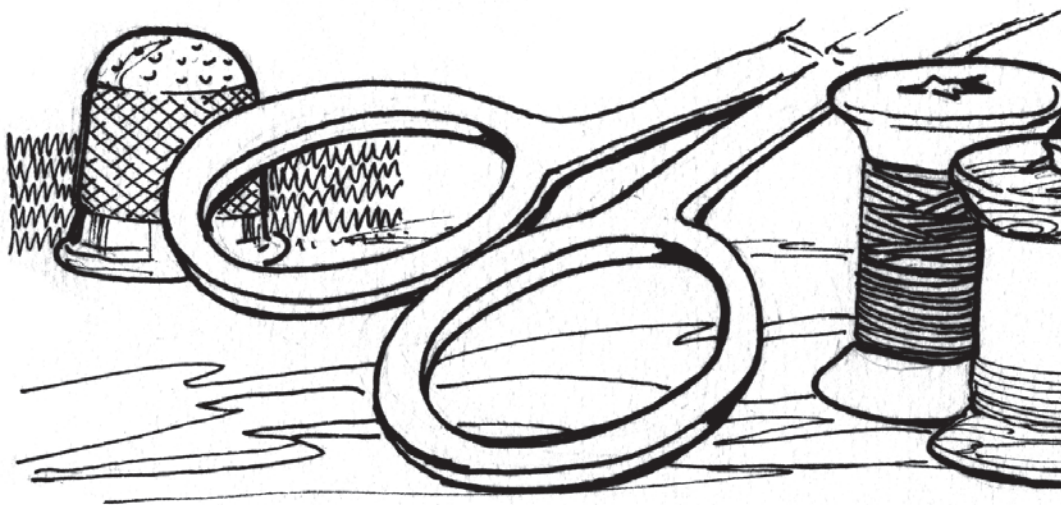
do irmão. Ela também não entendia o que acontecia. Perguntava para a filha por que ela fazia aquilo. Lena respondia que não sabia. Já o irmão se intrometia na conversa delas e dizia que Lena lhe pedia para ir para cama dele, por ter medo de dormir sozinha, e que depois ela não se lembrava.

A menina não acreditava na conversa do irmão. Tinha que dar um jeito naquela situação!

FOI QUANDO, NUMA BELA NOITE, teve uma ideia e correu para pô-la em prática: confeccionou um boneco de pano bem grande. Precisaria apenas de um pouco de tempo e alguns materiais básicos que sabia que podia encontrar na sacola de costura de sua mãe.

A menina esperou a repetida agonia do seu irmão para dormir, e, logo que ele se deitou, tirou debaixo de sua cama o boneco e o colocou sobre ela. Feito isto, foi dormir no sofá da sala.

Pela manhã, quando dona Rosa abriu a porta do quarto, teve uma grande surpresa: lá estava um boneco de pano junto com Lucas na cama dele! Lena entrou no quarto logo em seguida e, imediatamente, entendeu o que acontecia durante a noite.





Lucas acordou e ficou muito sem graça! Sua mãe lhe cobrou explicações. Ele confessou que tinha medo de dormir sozinho na sua cama e que, por isso, esperava a irmã pegar no sono e a levava para a cama dele.

A reação inicial da mãe foi dar uma grande bronca no filho, e a de Lena gargalhar compulsivamente, feliz por ter desmascarado o irmão! No entanto, lembrou de como o irmão sempre foi um amigo leal e que amigos verdadeiros procuram entender o outro e até mesmo as suas fraquezas.

Perdoou Lucas por enganá-la e teve outra ideia para ajudar o irmão a superar o medo. Afinal, todas as suas ideias davam certo! Ela propôs a Lucas antecipar a hora de dormir porque, assim, ganhariam mais tempo para ler uma boa história, relaxar e pegar no sono, cada um na sua cama, antes que a noite chegasse.

Com o passar do tempo, Lucas ficou mais confiante e conseguiu afastar de si o “fantasma do medo”.

MARILENE CONSTANTINO E ROSANIA GOMES

PII no Ciep Gregório Bezerra/4ª CRE

CRIANÇA SABE DAS COISAS

TEREZINHA DE ALMEIDA MARTINS E MICAELA DA COSTA LIMA

Era um claro dia de verão. Zezinho brincava na pracinha. Correu, jogou bola, andou de bicicleta, até que cansou. Foi procurar um lugar onde pudesse descansar.

Rodou várias ruas e, por fim, desistiu. Não havia uma árvore que lhe desse sombra. Correu para casa e, como sempre, foi desabafar com seu avô, que lhe disse:

– Só posso lamentar, meu filho. Na sua idade, eu tinha uma árvore lá onde está aquela indústria, e, além de sombra, ela nos dava amoras que comíamos e fazíamos ‘guerrinhas’ com os caroços. Onde está aquela rodoviária, tinha três árvores bem grandes, que além da sombra nos permitiam brincar de pirata nos seus galhos.

– Vô, estas coisas são ruins – Zezinho disse.

– Não, meu amor, ruim é não saber fazer as coisas com bom senso – o avô respondeu. – Se nós promovêssemos o progresso, mas pensássemos na natureza e em nós, teríamos, junto às mudanças, um espaço para manter o que de bom já tínhamos.

ZEZINHO BEIJOU O AVÔ e saiu para se reunir com os amigos e programarem o que fazer para poder correr, brincar e ter um lugar onde descansar e repor suas energias, um lugar onde pudessem sentar e ler um bom livro, ou jogar, em segurança, com conforto, e manter o contato com a natureza que os ajudava a se refazerem.



Então, combinaram que cada um pediria ajuda a seus pais para que pudessem, naquela pracinha e nas ruas do entorno, plantar algumas mudas de árvores e voltar a ter um lugar fresco e bonito.

Seus pais mostraram pouco interesse, pois tinham muitos afazeres e responsabilidades. As crianças, então, começaram, sozinhas, e, a cada jogo, o perdedor daria uma muda de árvore e o vencedor faria o plantio. E era tanta alegria nessa brincadeira, que os adultos acabaram se contagiando e criando suas regras para participar também.

Hoje, Luizinho, Aninha, Paulinho, Carlinhos, Mariana, Luiza, Beatriz, filhos de Zezinho, e seus amigos brincam felizes na pracinha arborizada, como o vovô de Zezinho contou que brincava, além de ver quantos pássaros e borboletas agora voam naquele lugar, sob o olhar orgulhoso, alegre e admirado daqueles adultos que, antes, achavam que seus compromissos e responsabilidades os impediriam de uma ação concreta que fizesse dali um lugar alegre, saudável e feliz.

TEREZINHA DE ALMEIDA MARTINS

PII na E.M. Paraguai/5ª CRE

MICAELA DA COSTA LIMA

PEF dos anos iniciais no Ciep Gregório Bezerra/4ª CRE

A GRANDE SERPENTE

JOÃO PAULO DIAS



Certo dia, numa pacata comunidade do Rio de Janeiro cercada pela Mata Atlântica e privilegiada por ter uma linda cachoeira, alguns meninos saíram para jogar pelada no campinho de terra batida feito por eles e por outros colegas, em outrora, com árduo esforço e anos de trabalho. Quebraram pedras, derrubaram árvores, a fim de terem um espaço de lazer. E ali jogavam bola todas as tardes.

Num belo dia, ao brincarem no campinho, um dos meninos chutou a bola com tanta força que ela caiu num córrego, conhecido como Bicão, a alguns metros da cachoeira.

Já estava escurecendo. Sempre quando a bola caía ali, o mais aconselhável era descer para buscar somente no outro dia, bem cedo. Sabiam que existia uma história dos moradores mais antigos, de uma cobra gigante, de aproximadamente oito metros e da grossura de uma tora, capaz de engolir um homem inteiro. E era justamente ali que a grande serpente dormia.

Apreensivos, queriam buscar a bola, pois sabiam da possibilidade de alguém achar primeiro e não querer devolver, ou mesmo do grande monstro levar para sua casa, localizada numa grande fenda num lindo rochedo lá no alto do morro.

Então Pitoco, moleque arisco e destemido, foi atrás do objeto tão precioso. Logo desceram Rato, Tripa e Bodão, enquanto Capim aguardava, ansioso, pois sempre teve pavor de animais peçonhentos.

Ao procurarem a bola, depararam-se com aquela criatura aterrorizante observando-os, atentamente, e pronta para dar o bote. Mas algo em seu corpo a tornava mais lenta.

– Cuidado Pitoco! Sai daí! A tal cobra gigante está atrás de você! –
Tripa gritou, apavorado.

Ao perceber aquela agitação e sentir-se em perigo, o réptil começou a vomitar algo estranho; parecia um corpo de criança em estágio de decomposição. Talvez fosse a menina que havia desaparecido misteriosamente na cachoeira, na semana anterior.

Os meninos ficaram desesperados com o que viram. Começaram a escalar o barranco cheio de raízes expostas e pedras pontiagudas, que foi esculpido pela ação da natureza.

Depois de cuspir sua possível presa, a grande serpente parecia faminta e furiosa. Arrastou-se com velocidade em direção aos meninos. Subiu num grande jacarandá, sorrateiramente, para dar um bote fatal em Bodão, o mais lento e desengonçado deles.

Ao chegar numa distância ideal, o grande monstro foi surpreendido com um teco certeiro, dado por Rato que, precisamente, atingiu o olho direito e o fez desistir, momentaneamente, do ataque. A serpente saiu em disparada, muito enfurecida, de encontro a Rato.

AO PERCEBER O PERIGO, o menino arisco desceu o barranco.

– Foi uma armadilha que ela armou – Tripa gritou, bastante assustado.

Bodão estava imóvel; não esboçava qualquer reação.

– Cadê o Capim? – Rato perguntou.

– Está no campo, esperando – Tripa respondeu.

– Chama ele logo. Vamos precisar dele!

Ao ouvir o chamado, Capim apareceu na ponta do barranco e viu a grande serpente pronta para devorar seu amigo. Rato, cuidadosamente, pediu para Capim empurrar em sua direção um



grande pedregulho. Sem entender, Capim não acreditou no que o amigo pediu. Talvez fosse uma maneira de ter uma morte mais digna do que ser devorado pelo grande monstro.

– Empurra a pedra, Capim! Vai logo!

Ao ouvir novamente o pedido do amigo, agora num tom de ordem, Capim empurrou o pedregulho com toda a força. E, no momento do bote, Rato se esquivou, com a agilidade de um felino. O pedregulho acertou a ponta da cauda.

A cobra emitiu um som tão alto, nunca antes ouvido em toda a mata, que pôde ser percebido até pelos moradores das casas mais próximas. Bodão, ainda em transe, foi arrastado barranco acima por Pitoco e Tripa. Todos chegaram ao topo. Aterrorizados, os moleques saíram correndo para suas casas, sem dar uma olhadinha sequer para trás.

Dias depois voltaram no barranco, sem Capim. Mas a cobra não estava mais lá. Depois desse episódio a cobra nunca mais foi vista.

JOÃO PAULO DIAS

PI de Geografia na E.M. Alexander Henryk Laks/7ª CRE

O ALVARÁ DOS PÁSSAROS



JÚLIA BEATRIZ NUNES DOS SANTOS

Um sanhaço pequenino chegou voando, todo esbaforido, e pousou em um galho, onde outros pássaros se encontravam reunidos.

- Calma, menino! Por que esse alvoroço todo?
- Os homens, dona Marta! Os homens! Eles queimaram toda a entrada da floresta lá no oeste! E ouvi dizer que estão vindo para cá. Vão queimar nossas casas!

O boato se alastrou rapidamente por toda a vizinhança. Pardais, andorinhas, papagaios e sabiás remexiam-se nervosos debaixo das penas. Gilberto, o pássaro mais velho e mais respeitado da floresta, convocou todas as famílias para uma reunião. Até os grandes caçadores alados deram uma trégua para o evento.

- Senhoras e senhores voadores, uma boa-tarde a todos. É com imensa preocupação que lhes confirmo os boatos. Os homens se aproximam com suas máquinas de guerra.
- Essa não! Minha família é uma das últimas de nossa espécie. Exijo prioridade nos abrigos! – anunciou uma ave pomposa e multicolorida.

Começou um grande alarde, que chacoalhou as copas das árvores, derrubando folhas e frutos.

- Um instante, por favor! – interrompeu Gilberto. – Como muitos sabem, já viajei esse país inteiro, até em gaiola vivi, mas, por sorte ou esperteza, consegui escapar. Conheço bem os homens, e só há uma coisa que eles entendem: os papéis.

- Como assim os papéis, Seu Gilberto? – indagou uma passarinha.
- É sobre os papéis que os homens colocam suas leis, suas fantasias e, acima de tudo, seu poder. Um homem com muitos papéis é admirado e temido por todos.

Apenas mais dois ou três passarinhos do bando eram profundos conhecedores do mundo humano. Eles acenavam os biquinhos com muita confiança e ansiedade.

- O que nós precisamos – continuou – é de um papel. Um alvará, um documento que comprove nosso direito irrevogável sobre essas árvores.

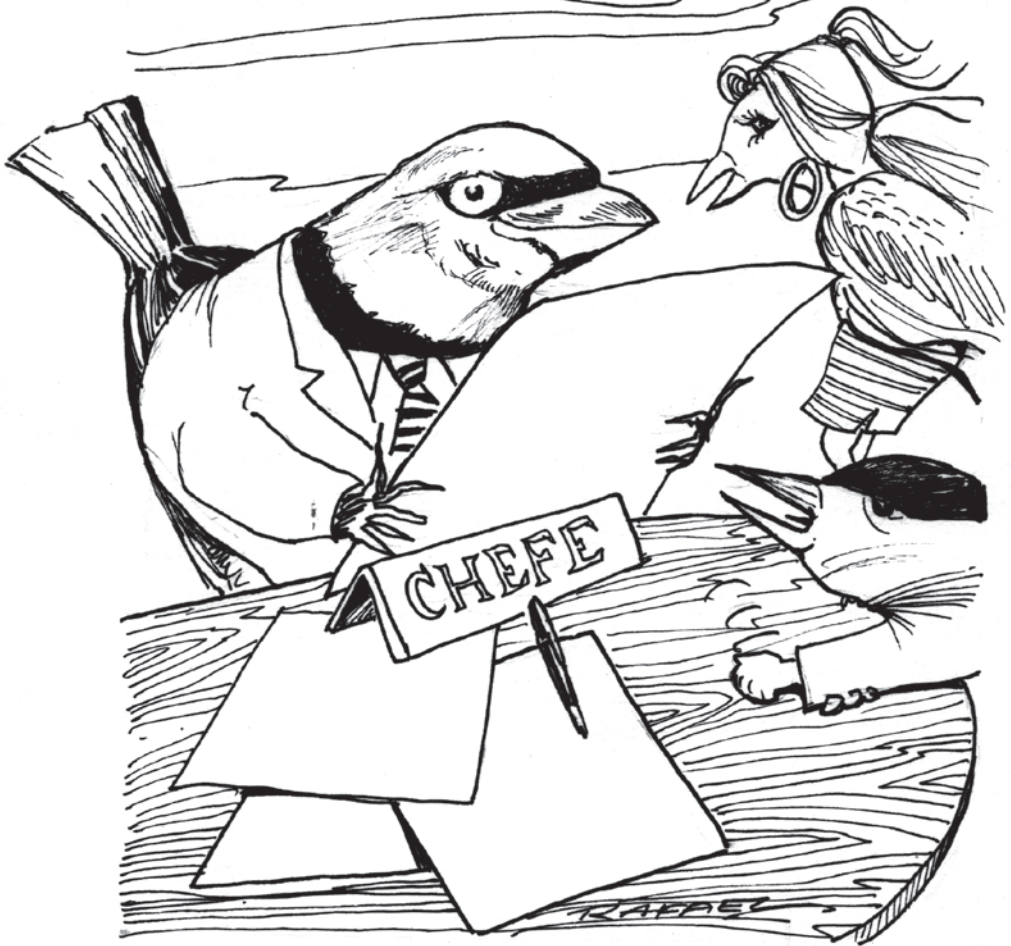
Mesmo sem entender exatamente do que se tratava, os pássaros começaram a agitar suas asinhas, emocionados com a solução.

- Mas como podemos conseguir esse tal de alvará? – o pequeno sanhaço gritou em meio à multidão.
- Esse será nosso grande desafio, meu jovem. Para conseguir um alvará, é preciso enfrentar uma das maiores maldições humanas: a burocracia.

AO LONGO DA REUNIÃO, foram esclarecidas algumas questões mais técnicas sobre o assunto. Finalmente, depois de muitas perguntas e respostas, formaram uma comitiva de representantes para redigir o Alvará dos Pássaros.

As caças estavam temporariamente suspensas. As águias e todos os gaviões fariam a segurança dos demais até que o trâmite de papeladas fosse resolvido.

Uma pássara muito simpática e comunicativa, chamada Alberta, ficou encarregada de dialogar diretamente com os homens, pois era preciso ter a assinatura de ambas as partes.





Pássaros de todas as espécies fizeram um longo relatório contando suas histórias na região, para provar que já viviam ali há muitas gerações, muito antes de qualquer homem chegar.

UM BANDO DE CANÁRIOS e albatrozes migrou até a cidade mais próxima para conseguir alguns papéis. Por fim, Gilberto escreveu uma elegante apresentação, justificando a legitimidade de posse sobre aquela área.

Só faltava uma assinatura humana. Alberta voou de casa em casa, pousou em diversas janelas e quase foi devorada por uma gatinha. Depois de sobrevoar muitos telhados, conseguiu a assinatura de um menino doce e tímido, que havia acabado de completar seis anos.

– Amigos e amigas, estou orgulhoso do trabalho que conseguimos empreender juntos – anunciou Gilberto.

– Um “viva” para a união das aves! – gritaram, de um galho.

– Os homens estão se aproximando, e daqui a dois dias nos encontraremos com eles – disse Alberta. – Precisamos mostrar nossa organização e inteligência.

O sol nasceu. Chegou o grande dia. Do alto das árvores já se podia ver os automóveis e tratores. Os pássaros se organizaram em fileiras, formando uma imagem encantadora de cores e plumagens. Cantaram as boas-vindas, enfaticamente, como se lançassem no ar suas próprias almas.

O sanhaço esperava, aflito, com o alvará pendurado no bico. Voou até o sujeito que parecia ser o chefe dos homens e soltou o papel. O alvará caiu planando até o chão.

O homem o pegou, mas não viu nada além de marcas de patinhas e o nome “Marcos” escrito em letras infantis. Não demorou muito para que comesçassem a derrubar as árvores.

Gilberto berrou, em desespero, perdendo completamente sua postura ativa e controlada:

– Ei! Parem! Vocês não podem fazer isso! Temos um alvará! O Alvará dos Pássaros!

A imagem da revoada de pássaros no entorno era impressionante. Alguns homens tiraram fotos, mas logo deram continuidade ao trabalho, destruindo tudo o que viam pela frente e enchendo seus caminhões de troncos.

De uma coisa Gilberto não sabia: há papéis que passam por cima de outros, e mãos que pensam poder voar mais do que asas.

JÚLIA BEATRIZ NUNES DOS SANTOS

PEF de Artes na E.M. Yolis da Silva/9ª CRE

A INVASÃO

MARGARETH CUNHA DE SOUZA

Os netos de Dona Maria não tinham como imaginar que invadir o quintal de Dona Dodocha seria o início de um péssimo dia para eles.

Era verão e as crianças passavam as férias na casa de Vó Maria, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Era uma casa enorme, com vários quartos e um quintal grandioso. Tinha muitos tipos de árvores frutíferas, assim como uma enorme variedade de plantações de verduras e legumes, sem falar nas criações de animais, como: galinhas, patos, gansos, porcos.

Dona Maria, senhora franzina, mas de voz ativa e decidida, do alto dos seus 1,50m, gostava dos netos, mas não aceitava nenhuma espécie de desobediência.

Mas, apesar do risco dos castigos, Carlos, Ana, Bete, Elisa e André amavam passar as férias na casa da avó, pois lá eles podiam brincar livremente pelo quintal, subir em árvores, comer as frutas tiradas do pé. Ajudavam a cuidar dos animais, e nem sentiam o tempo passar.

PORÉM, NAQUELE VERÃO, ao subirem numa das árvores do quintal, perceberam que na casa ao lado a mangueira estava repleta de mangas-rosa. A árvore estava linda, convidativa. Na casa da Vó Maria, também havia um pé de manga, mas as frutas não eram do mesmo tipo; as do quintal vizinho pareciam mais apetitosas.

No entanto, a casa ao lado não estava mais vazia como em todos os outros verões. Havia algumas peças de roupas no varal. Carlos, Ana, Bete, Elisa e André desceram da árvore e foram imediatamente perguntar à avó quem estava morando lá, se havia crianças. Mas, qual a surpresa quando Vó Maria disse-lhes:

- Meninos, jamais se aproximem daquela casa ao lado, pois mudou-se para lá uma senhora idosa que mora sozinha e que não suporta crianças.
- Mas por quê? – perguntou Ana.
- Não sei. Só sei que ela não gosta de visitas e muito menos de crianças. Não quero problemas; então vocês fiquem longe da casa da Dona Dodocha.
- Dona Dodocha! Que nome de bruxa! – disse Bete, a neta mais nova.

Após saberem do nome da vizinha, as crianças começaram a imaginar como seria essa tal Dona Dodocha.

Na manhã seguinte, subiram no pé de laranja, pois era a árvore mais próxima do muro entre a casa da avó e a de Dona Dodocha. Ficaram à espreita para ver a nova vizinha, ou melhor, a “velha vizinha”, como falou André.

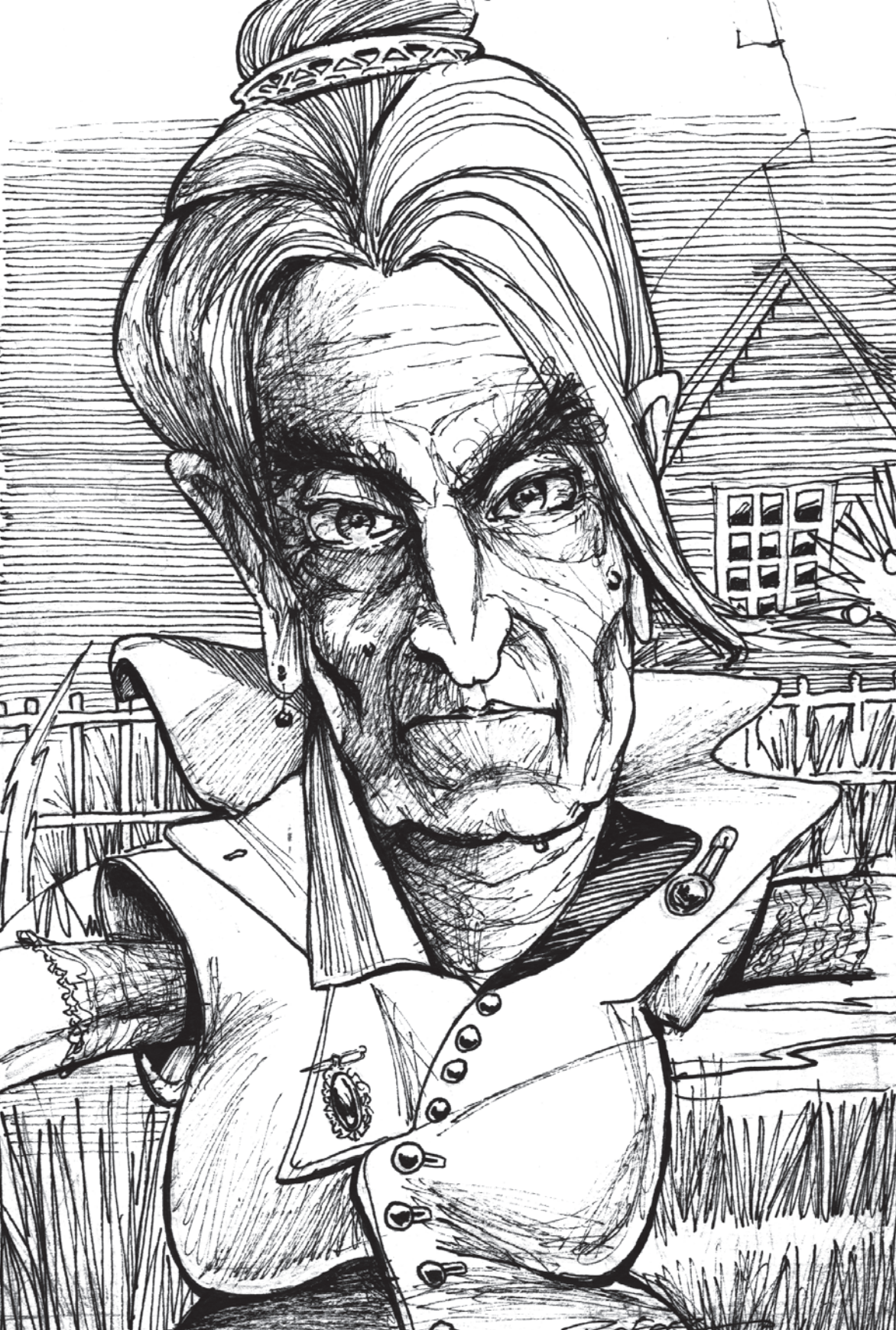
Mas o tempo passou e nada de a vizinha aparecer. Foram almoçar, voltaram e nada. Ao entardecer, quando o último raio de sol já findava no horizonte, eis que a porta da cozinha se abriu.

Todos ficaram atônitos com o que viram: a porta se abriu e dela saiu uma velha de dar arrepios: usava roupas escuras, tinha uma corcunda enorme, cabelos acinzentados, uma pele muito enrugada, unhas gigantescas e curvadas. Tinha um olhar tenebroso, macabro.

Os netos de Dona Maria, ao verem a figura tão horrenda, desceram da árvore como de um salto, e tremiam só de pensar em tal ser, que parecia ter vindo dos infernos.

Correram para casa, os corações pareciam que iam saltar pelas bocas. Não comentaram nada com Vó Maria. Jantaram entre olhares desconfiados, uns para os outros; depois sentaram e conversaram:

- O que vocês acharam da Dona Dodocha? – Ana perguntou.
- A bruxa? – Bete indagou.



- Aquela velha deve ser perigosa! – Carlos comentou.
- Acho melhor não chegarmos perto dela, como Vó Maria recomendou – Elisa retrucou.
- Parece perigosa, mas as mangas dela estão tão bonitas! Hummm, dá até água na boca – André falou.

As mangas de Dona Dodocha pareciam realmente apetitosas; então, os netos de Dona Maria começaram a pensar numa maneira de pegá-las. E passaram a observar a “bruxa”, como a apelidaram. Ela raramente saía de casa, ficava sempre atrás da cortina olhando a vizinhança; parecia estar à espera de alguém dar bobeira para ela atacar.

Às vezes, Dona Dodocha ia ao mercadinho. Então, as crianças bolaram um plano. Assim que ela saísse para as compras, alguém ficaria no portão para vigiá-la, e Ana, como sabia subir e descer rápido de árvores, subiria na mangueira e jogaria as mangas para as outras crianças colocarem no saco. Pronto, o plano estava arquitetado; agora era só vigiar Dona Dodocha, e assim que ela fosse às compras, entrariam em ação.

CERTA TARDE, DONA DODOCHA SAIU

de casa e as crianças começaram a executar o plano. André, por ser muito vivaz, foi para o portão vigiar; os demais pularam para o quintal de Dona Dodocha.

Ana subiu, rapidamente, e começou a atirar as mangas. Carlos, Bete e Elisa recolhiam as frutas no saco quando, de repente, André gritou:

– A bruxa vem vindo! A bruxa vem vindo!

Elisa e Bete pularam o muro, rapidamente. Carlos pegou o saco com as mangas, jogou por cima do muro e pulou a seguir. Somente Ana permaneceu na árvore; não deu tempo de ela descer, mas se escondeu entre a folhagem.

Dona Dodocha entrou e começou a fungar, como se percebesse que algo estranho havia estado no quintal. Rodou, rodou, parou embaixo da mangueira, olhou para cima, apertou os olhos, mas nada disse. Entrou em casa. Ana desceu, correndo, da árvore, pulou o muro e, junto com os irmãos, escondeu o saco de mangas.

Todos se sentaram no chão, em roda, brincando com bolas de gude. Dona Dodocha deu a volta e chamou Dona Maria no portão.

– Mariaaaa, seus netos invadiram meu quintal e roubaram minhas mangas!

Dona Maria disse que os netos não precisam pegar mangas no vizinho, pois ela tinha pés de várias frutas, inclusive a própria. Mas, devido à insistência da vizinha, Dona Maria disse que iria apurar os fatos, e se seus netos tivessem feito tamanha estripulia, ela saberia como castigá-los.



Dona Dodocha saiu, falando entre os poucos dentes que lhe restavam na boca. Dona Maria achou melhor não entender o que a bruxa grunhia. Então, chamou os netos e perguntou sobre as mangas de Dona Dodocha. Todos disseram que não sabiam de nada, até que foram ameaçados de castigo. Foi então que Bete, a neta mais medrosa, confessou todo o plano. A avó mandou que pegassem o saco de mangas e devolvessem à Dona Dodocha. Essa terrível missão coube a Carlos, que chamou a vizinha, entregou-lhe o saco e voltou correndo para a casa da avó.

A bruxa deu um sorriso esburacado e amarelo. Pegou o saco e entrou, soltando uma gargalhada estridente e assustadora; gargalhada esta que foi ouvida na casa de Dona Maria. Todos estremeceram.

Vó Maria não perdoou os netos pela travessura, e colocou todo mundo de castigo. Com isso, as crianças prometeram nunca mais pegar as mangas-rosa da Dona Dodocha – a bruxa da rua.

Quanto à Dona Dodocha, ela continua a morar ao lado da casa de Vó Maria. Ninguém nunca mais a viu. No seu quintal, agora tem um enorme cachorro preto, feroz, que traz o nome na coleira: Capeta. Sabemos que a bruxa está lá, pois toda madrugada sobe uma fumaça preta da chaminé, e se ouve sua gargalhada estridente e assustadora.

Dizem que algumas crianças do bairro andam desaparecendo, sem deixar vestígios. Ainda bem que as férias dos netos de Dona Maria acabaram...

MARGARETH CUNHA DE SOUZA

PEF na E.M. Paraguai/5ª CRE

SORRICAÇÃO, UM SORRISO INESQUECÍVEL



ÉRIKA SATLHER ROLHANO MESSIAS

Ele havia chegado dentro de uma caixa de papelão; nem tão grande, nem tão pequena, dessas que encontramos no supermercado para trazer as compras e salvar o ambiente. Parecia que ele também iria salvar nossas vidas.

Meu pai chegou tão feliz; não era um presente para ele, mas para mim. Acho que satisfazer minha vontade naquele momento era maior que o receio que tinha da mamãe. Mas ele não quis saber, não desta vez! Ouviu seu coração e chegou com a tão esperada surpresa.

– Sarah, venha rápido! Veja o que papai trouxe! É uma surpresa!

Na mesma hora corri; sempre gostei de surpresas: – Já estou indo!

Não era meu aniversário, nem Dia das Crianças, e o Natal estava longe pra chuchu. O que poderia ser?

– Adivinha o que eu trouxe?

ANTES QUE EU PUDESSE RESPONDER, ouvi o primeiro latido. Aquele era, sem dúvida, o melhor presente que eu poderia ganhar, foi o meu pedido em todas as datas, por anos. Eu tinha dez anos, não sabia se ria ou se chorava, mal conseguia acreditar.

Era uma bola de pelos marrom, tinha apenas quarenta dias de nascido, era tão fofo.

– Qual é a raça, papai?

– Pastor-alemão! Ele é um cão de guarda!

Cão de guarda? Eu não sabia bem o que era isso. Só sabia que aquele era o dia mais feliz da minha vida.

– Obrigada, papai! – agradei com um abraço bem apertado.

– Filha, a partir de hoje você terá responsabilidades com ele, deverá cuidar e dar carinho. Você compreende isso?

– Sim, claro! Pode deixar, eu vou fazer tudo, tudinho mesmo.

Papai sorriu e perguntou qual nome eu daria para ele. Olhei bem, pensei e disse:

– Pai, você já reparou que parece que ele está sorrindo? E é sorriso grande, é engraçado, sorriso de orelha a orelha, como diz o vovô. Já sei, ele vai se chamar Sorricão!

– Isso é nome de cachorro, Sarah?

– Ué papai, claro que sim. Ele já está até sorrindo!

– Amores, mamãe chegou!

Todos nos olhamos, rapidamente, sentimos um pouquinho de medo. Parecia que havíamos feito algo de errado. Coloquei Sorricão na caixa e nos posicionamos em frente.

– O que houve? Vocês estão tão estranhos!

– Surpresa!

De fato foi uma surpresa, mamãe parecia não acreditar, parecia ter levado um susto.

– Vocês só podem estar brincando! – disse, num tom bravo e repreendedor.

– Mãe, por favor! Ele é tão lindinho... ele sorri. Por favor!

Mamãe ficou comovida e acabou aceitando, mas alertou:

– Vocês que cuidarão! Ele vai dar trabalho e ficará gigante neste apartamento pequeno.

A mamãe é uma pessoa legal, só está muito cansada. Ela trabalha fora e ainda cuida de tudo aqui em casa, e de tudo do vovô e da vovó. Eles moram no final da nossa rua, numa casa bem bonita com um quintal cheio de aventuras. Eu adoro.

– Qual é o nome dele? – mamãe perguntou.

– Sorricão!

– Sorri o quê?! Isso é nome de cachorro?!

Começamos a rir e olhamos para ele, que parecia entender e sorrir.

No final de semana levamos o filhote para tomar vacina e conhecer meus avós. Era tudo pertinho. Por onde Sorricão passava, despertava olhares curiosos e sorrisos alheios.

Mamãe recomendava que eu não deveria colocá-lo no chão, principalmente na casa do vovô, pois poderia pegar carrapatos e daria um trabalhão.

Os avós adoraram o novo “netinho”, e, adivinhem: também acharam graça do nome! Mas logo entendemos o motivo. Meu avô disse que um cão de guarda que sorri não combina muito.

Era assim com todos, no final todo mundo achava graça e sorria junto com o cachorro. Andar pelas ruas do bairro passou a fazer parte da nossa rotina.

Os anos foram passando, eu cresci e ele também. É certo que ele cresceu bem mais que eu imaginava, é certo que eu não cumpri todas as minhas promessas de cuidar dele, é certo também que

mamãe reclamou, reclamou muito, muitas vezes, e todas as vezes que isso acontecia, ele tombava a cabecinha para o lado e sorria; era sua especialidade na hora de amolecer os corações. No fundo, ele sabia disso.

Sempre que precisávamos, deixávamos Sorricão na casa dos meus avós. Lá havia espaço suficiente para ele correr e ser feliz. Mamãe tinha preocupação com o vovô. Ele estava velhinho e bem esquecido, volta e meia descuidava de trancar o portão. Um cão ajudaria a proteger a casa; só que eu não conseguia me acostumar com essa ideia, não queria me afastar dele.

Num feriadão desses, resolvemos viajar. Como de costume, na véspera, deixamos Sorricão com meus avós. Na manhã seguinte, bem cedinho, vovô abriu o portão e saiu, andou sem destino, vagando pelo bairro. Não sabia quem era, não sabia onde estava, nem onde morava. Olhava em volta e tudo era desconhecido. Sentou-se num banco da praça e com a mão no rosto começou a chorar. Sentia muito medo e abaixou a cabeça nas pernas.

Nessa hora senti o focinho molhado seguido de uma lambida, olhou e uma sensação de paz invadiu seu ser, pois, em meio ao esquecimento, lembrou daquele sorriso de cachorro, o sorriso “de orelha a orelha”: era Sorricão. Ele havia seguido meu avô todo tempo e conseguiu levá-lo de volta para casa.





Nossa viagem não aconteceu, retornamos logo que vovó nos avisou, minha mãe chamou a polícia e passamos horas, aflitos, muito preocupados.

Quando Sorricão entrou pelo portão com meu avô, meu coração parecia explodir e corremos na direção deles. Abracei fortemente meu velhinho e senti que aquele era sim o dia mais feliz da minha vida. Mamãe abraçou Sorricão agradecendo ao cachorro de sorriso largo.

Daquele dia em diante o endereço do meu cão passou a ser a casa dos meus avós, onde ele poderia aproveitar todo o espaço do quintal.

Daquele dia em diante, também, ele se tornou o protetor das maiores relíquias da nossa família. Mesmo sem combinar, desempenhava sua função de cão de guarda com o sorriso que encantava a todos, um sorriso simplesmente inesquecível.

ÉRIKA SATLHER ROLHANO MESSIAS

Professor I de Língua Portuguesa na E. M. Noel Nutels/7ª CRE

MEIA-NOITE NO CASARÃO

MARIA ENY LEANDRO PICOZZI



Ao entardecer de 1965, jovens jogavam bola na rua, cachorros latiam próximo a um penhasco, e uma senhora, chamada D. Maria, olhava da janela do casarão seu neto Luiz Cláudio jogar bola com os outros meninos da pacata cidadezinha do interior.

De repente, o pai do menino chegou do trabalho em seu carro azul, acelerando o veículo pela rotatória da praça principal da cidade e entrou na rua em que fica o grande casarão.

DEPOIS, COMEÇOU A FICAR AGITADO

por algum motivo que todos os familiares que residem no casarão desconheciam, mas D. Maria, sua sogra, sabia da verdade escondida sob sua agitação.

Observando o desconforto do genro, D. Maria pediu para Luiz Cláudio entrar, mas seu neto insistiu para ficar mais um pouco com seus amigos jogando bola no campo da cidade, pois logo depois parecia que iria chover e ele queria aproveitar para terminar o campeonato que eles iniciaram.

A avó sabia que perigos se aproximavam com o cair da noite, que, quanto mais o horário avançava, mais perigoso era para todos da cidade se o casarão não fosse trancado, e que perigos maiores ainda poderiam afligir seus familiares no casarão, inclusive ela e o neto.

D. Maria conhecia os perigos guardados no casarão e os perigos externos, que residem próximo ao penhasco da cidade, na Gruta do Grande Mal.

Então, D. Maria tentou, de forma adocicada e gentil, chamar seu neto, oferecendo uma deliciosa e irresistível torta de morango, a preferida dele e que também era a preferida de sua filha, mãe de Luiz Claudio – maior presente deixado por Cláudia para D. Maria.

Prontamente, Luiz Cláudio largou todos os amigos, a bola e o campo que fica em frente à casa, para saborear, juntamente com a avó, a deliciosa recordação de sua mãezinha.

Mas a verdadeira intenção de D. Maria era colocar todos em casa e poder tranquilizar seu genro Roberto, que, à essa altura, já andava de uma lado para o outro, fazendo e refazendo os últimos passos de sua falecida esposa.

Roberto, ao ver seu filho sentado à mesa com a avó, rapidamente se dirigiu às portas da frente e dos fundos para trancá-las, como fazia todo mês, às sextas-feiras de lua cheia, desde que a esposa havia sido assassinada, e encontrada, em pedaços, próxima a um riacho, a uns 300 metros de sua residência, em maio de 1960.

DESDE ESSE DIA TRISTE, nunca mais a família conseguiu superar a perda de Cláudia, pois era uma pessoa alegre, extrovertida, a alma da casa e da família.

Entrar em casa e conviver com os familiares depois da morte de Cláudia era como se os visitantes estivessem sempre em um velório. Lembrar a forma como ela havia sido tirada dessa vida, da família; causava desconforto e dúvidas no coração de todos. Portanto, não se tocava no nome, nem na história que envolvia a sua morte.

Enquanto Luiz Cláudio e a avó comiam a torta de morango, Roberto trancava as portas do casarão e os demais tios e tias de Luiz andavam e comentavam sobre mais um dia naquele mausoléu, mas ajudavam Roberto a trancar todas as janelas e possíveis entradas da casa.

Os primos de Luiz já se organizavam a fim de que todos ficassem juntos e pudessem brincar à vontade. Sua avó sempre tinha a mesma

fala com Luiz, para que olhasse os outros, pois ele era o mais velho e deveria ter mais responsabilidades.

Mas, na verdade, D. Maria queria que Luiz estivesse ocupado e não pudesse prestar atenção aos detalhes dos acontecimentos futuros; por isso, todo mês se reinventava para que ele não percebesse sua real intenção de proteger o neto preferido.

TODOS PERCEBIAM a preferência de D. Maria por Luiz Cláudio, pois ele tinha as mesmas características físicas de sua mãe, Cláudia, o mesmo olhar encantador, o mesmo sorriso. Também tinha as mesmas qualidades e a forma doce de tratar sua vizinha.

Por causa desse jeito, D. Maria se derretia toda vez que via ou ouvia Luiz, mas tentava justificar sua preferência dizendo sempre que era por ele ter perdido a mãe aos dez anos de idade.

A partir das vinte horas, Roberto já se preparava para descer ao porão. Levava cadeados e correntes e ninguém da casa podia fazer nenhum tipo de comentário ou barulho.

As crianças eram colocadas nas camas em quartos no último andar, o mais afastado possível do porão, e os adultos ficavam no andar de baixo, sempre no caminho de acesso das crianças.

No aniversário de cinco anos de morte de Cláudia, numa sexta-feira de maio de 1965, muitos barulhos se ouviam, até mesmo no último andar, que ecoavam do porão por todo o casarão.

O MEDO E A AGONIA tomavam conta do lugar. As crianças gritavam e os adultos ficaram muito assustados.

Foi quando o barulho parecido com o de uma porta arrebentando fez com que D. Maria se assustasse e caísse pelas escadas, rolando um andar. Seu neto Luiz Cláudio desceu correndo atrás dela, pegou-a em seus braços e acomodou sua vizinha no sofá.

Nesse momento Luiz chorou, pois sua avó não respondia; parecia inconsciente. Depois da terceira vez que ouviu de longe a voz do neto, D. Maria começou a abrir os olhos e a responder. Luiz sorriu para ela, que devolveu o sorriso, ainda devagar.

O horário começava a avançar e os familiares estavam mesmo muito preocupados, pois D. Maria era quem direcionava todos os procedimentos no casarão há muitos anos, e ainda parecia bem fragilizada.

Mas quando o sino da igreja situada no meio da praça da cidade começou a tocar as onze badaladas, o desespero se instaurou entre os presentes, pois a emergência se tornava iminente.



D. Maria pediu a Luiz que a ajudasse a descer ao porão sem que ninguém percebesse, pois estava muito fraca. Ao chegar no porão, Luiz e D. Maria notaram que as correntes e os cadeados estavam arrebentados e que existia um tipo de passagem que ficara aberto.

O DESESPERO TOMOU CONTA do coração de D. Maria e de Luiz Cláudio, que tentou tirar sua vó do porão, mas ela avisou que precisava trancar a passagem para que nada mais entrasse no casarão.

Quando Luiz se virou para buscar as correntes e fechar a passagem, D. Maria gritou, mas era tarde; algo passou por Luiz, arranhou seu braço e conseguiu sair do casarão pela passagem.

D. Maria não escondia sua angústia com o arranhão no braço de Luiz e a fuga da criatura, mas não era claro o que poderia acontecer ao neto, deixando confuso o coração de Luiz Cláudio.

Ambos se esforçaram e conseguiram fechar a passagem. Combinaram de não contar nunca a ninguém, nem aos demais familiares do casarão, o que aconteceu no porão.

Assim, Luiz Cláudio e sua avó trancaram a porta principal do porão e se dirigiram ao salão principal do casarão.

Enquanto Luiz ainda estava próximo à avó, após as doze badaladas da meia-noite, algo sobrenatural, insistentemente, começou a arranhar a porta principal do casarão.

A avó, ainda debilitada, chamou seu neto Luiz Cláudio e todos os presentes para realizarem uma grande oração para que aquela presença maligna abandonasse as investidas contra sua família.

D. Maria sabia o que era, como era e do que se tratava, pois a cinco anos atrás o grande mal levou sua filha e deixou pedaços espalhados pelo riacho.

O grande mal, como era chamado, ficou rodeando a casa durante toda a madrugada, desde a meia-noite, e não parava de aterrorizar os corações das pessoas que ali estavam.

Enquanto todos os familiares estavam ajoelhados rezando para que aquela criatura, que nenhum deles ainda sabia explicar sobre ela, parasse de bater, arranhar e tentar entrar na casa, D. Maria pedia que a presença maligna não conseguisse levar mais ninguém, pois ela própria já havia perdido parte do seu coração para aquela criatura.

Após seis horas, com a criatura batendo, arranhando e uivando, finalmente tudo cessou, pois o grande mal só parou quando o dia clareou, às seis horas da manhã.

Então, ficou faltando apenas uma lasca para a porta de madeira maciça ser completamente destruída, mas Luiz e sua avó terminaram a noite e iniciaram o dia abraçados.

E um silêncio assustador tomou conta do casarão, invadindo a alma de todos os presentes. Esse silêncio fez com que os adultos se entreolhassem e criassem pensamentos inimagináveis, enquanto as crianças ainda choravam, com suas cabeças cobertas e sem poder fazer barulho, num momento agonizante.

D. Maria sabia que um novo dia iniciava, que o mal cessou ao raiar desse dia, mas que tudo recomeçaria na próxima Lua Cheia.

MARIA ENY LEANDRO PICOZZI

PII e diretora da E.M.Paraguai/5ª CRE

A VEZ DOS RATOS E DAS TARTARUGAS

MICHELLE GARCIA ANTONIO FERREIRA



Era uma menina de nove anos, morena, com longos cabelos negros ondulados, dentes brancos, olhos pretos. E era conhecida como a menina mais feia da turma na escola.

Como tinha conseguido esse feito, não sabia. Todas as colegas de turma se consideravam superiores. Não lhe chamavam pelo nome, pois utilizavam o adjetivo. Para completar, os meninos da turma também a chamavam de feia. Até mesmo o próprio irmão a considerava inferior.

Após mais um dia de aula cheio de insultos, a menina finalmente chegou a sua residência. Anoi-teceu. Já era hora de dormir. Foi para o seu quarto. Começou a chorar por pensar que era uma menina feia e, após um tempo, adormeceu.

Acordou. O quarto estava diferente, iluminado, branco. Totalmente branco. Móveis brancos, paredes brancas, objetos brancos. Existia um rato na porta.

O RATO NÃO ERA FEIO, apesar de ser um rato.

Geralmente, não tinha uma boa lembrança de ratos. Ratos remetiam à sujeira, machucados, doenças, cor cinza. Esse não. Era um rato lindo! Usava sapatos e roupas limpas, fraque, cartola. Ele sorria.

– Olá! – falou.

A menina não sabia o que dizer. Ratos não falavam e muito menos se vestiam como humanos. Respondeu, chocada, o cumprimento.

– Oi.

O rato continuava sorrindo.

– Existe um sábio no final desse corredor – disse, apontando para o corredor após a porta – que poderá lhe ajudar. Basta seguir em frente.

A MENINA NÃO SABIA O QUE FAZER.

Tudo o que queria era ser aceita, não ser mais ofendida, diariamente, pelos colegas. Talvez esse sábio pudesse lhe ajudar. Talvez fosse possível não ser uma menina feia. Talvez fosse possível ser como aquele rato, que não deixava de ser um rato. Sim, era um rato. Continuava um rato, porém era lindo.

E o rato, vendo a imobilidade da garota, entrou no corredor e sumiu.

A menina ficou algum tempo parada. Nada mudou. Ela resolveu seguir em frente. Desceu da cama, calçou os sapatos e se dirigiu até a porta.

O corredor havia se transformado num lugar bem amplo. Colorido. Com flores, esquilos, coelhos e borboletas. Andou um pouco, contemplando tudo. Avistou um chalé de madeira.

Existia uma campina em frente ao chalé, com uma pedra bem no meio. No meio dessa pedra, tinha um líquido e uma placa de madeira entalhada.

A menina leu a palavra “Beleza – only humans”. Bebeu um pouco da água, na esperança de mudar o que era. Após alguns minutos, vários animais feios apareceram.

Ratos feios, esquilos mal-encarados, coelhos de cenho franzido. Vários animais com caras nada amistosas surgiram de repente. A menina ficou com medo. Eles começaram a gritar:

– Você é insuportavelmente bonita! Não aguento isso!

– Você é uma nojenta!

– Nós odiamos você!

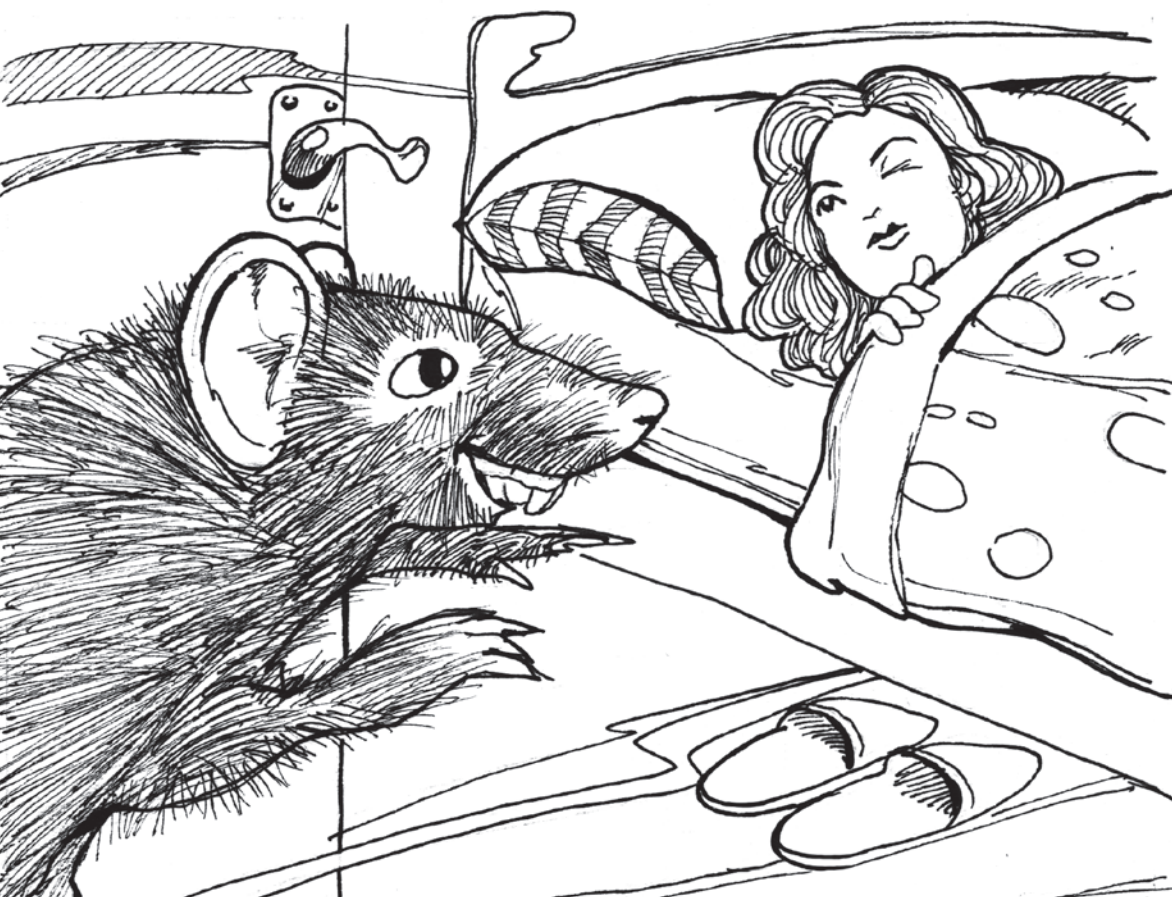
– Só porque é bonita, pensa que é melhor que a gente?

– Nunca serei bonita como você! Que ódio!

E começaram a avançar para a menina. Então, uma tartaruga-marinha ninja pulou no meio da roda.

– Se querem machucar a menina, terão que passar por cima de mim.

Espanto geral. Medo. A voz da tartaruga era ameaçadora, imponente. Apesar de ser uma tartaruga, ela não era lenta. Pra dar aquele pulo, realmente era ágil e deveria ser especialista em luta.



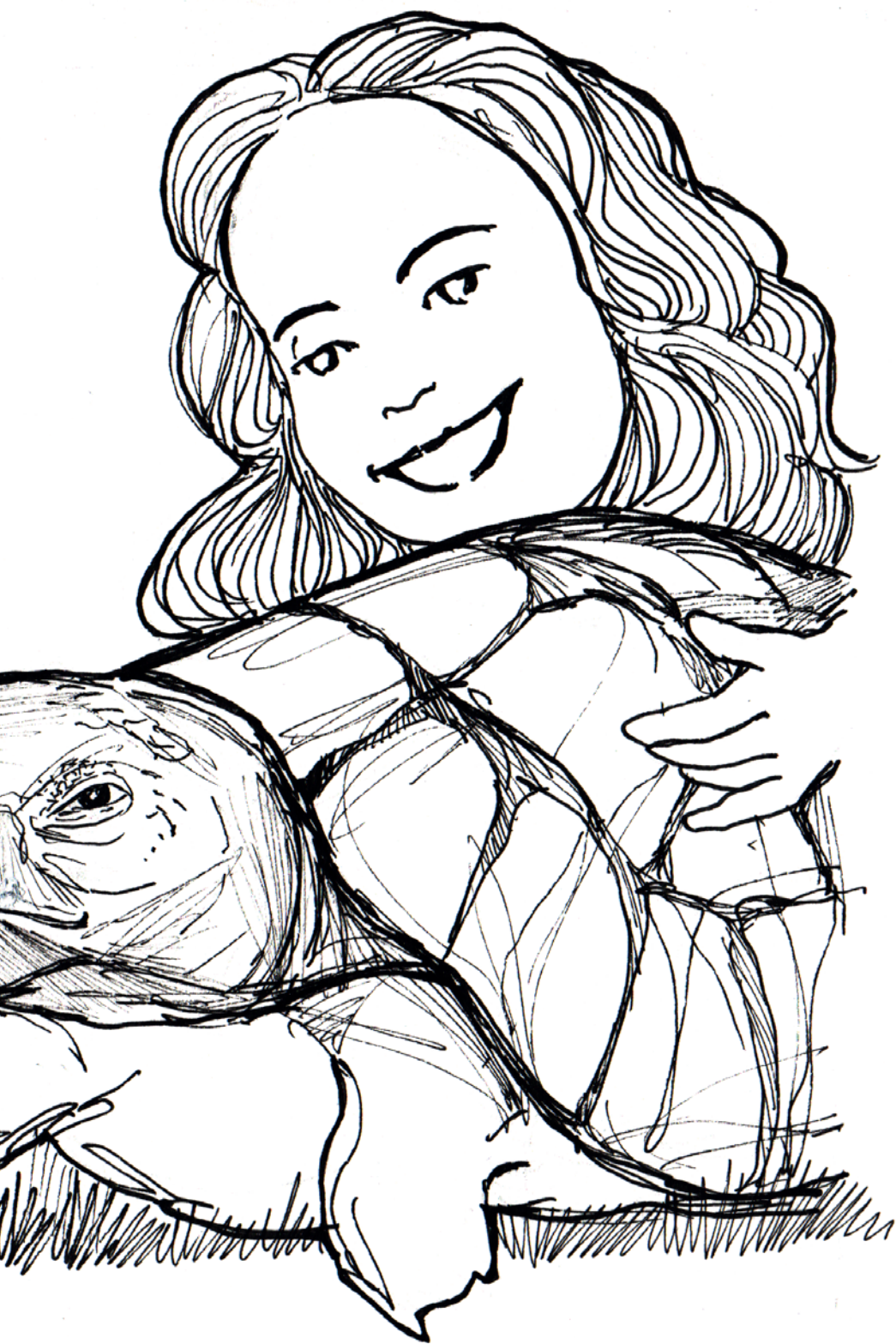
Os animais se afastaram. Logo, só restou a garota e a tartaruga. A garota viu seu reflexo na água e percebeu que já estava como era antes. A tartaruga se virou para ela e apontou o chalé.

Sem dizer uma palavra, a garota se dirigiu até o chalé. A porta estava aberta. Entrou de mansinho. A mobília era toda em madeira. Apesar de ser toda em madeira, era muito bonita. Seu próprio lar não era assim. Então, um rato surgiu da cozinha.

Não era o mesmo rato do quarto. Era menor e usava uma túnica roxa. Era bonito, apesar de ser um rato. Ele cumprimentou a menina. Pediu que se sentasse. A menina se sentou. O rato também, de frente para ela. Com o rosto tranquilo, ele fez uma pergunta.

- O que você deseja?
- Desejo ser bonita para não ser mais ofendida na escola – respondeu.
- Você se lembra do rato no seu quarto?
- Sim.
- Você o considerou feio?
- Não.
- E a tartaruga?
- Admiro a tartaruga.





- Ratos são, geralmente, odiados pelos seres humanos. Somos associados a sujeira, doenças e violência. Poucos conseguem ver beleza em um rato, porém você viu. A tartaruga não é conhecida como um réptil ágil, porém a ninja que ajudou você foi mais rápida do que imaginavam ser possível... Quando você bebeu da água da beleza, os animais odiaram não poder ter a beleza que você tinha. Queriam destruí-la. Cada um enxerga de uma forma, conforme o que possui dentro de si. Você não precisa se tornar bonita. Você já é. Alguns enxergarão e outros não.

E o rato finalizou, dizendo:

- Você têm tudo de que precisa.

MICHELLE GARCIA ANTONIO FERREIRA

Secretária escolar na E.M. Paraguai/5ª CRE

A PALAVRA

THAYS ECI DA SILVA DE CASTRO

Numa manhã de domingo, dois irmãos acordaram aos primeiros raios de sol, com plena disposição.

A mais nova é também a mais empolgada, a espoleta da família. A cada dia quer um penteado diferente, uma saia bem rodada para treinar seus passos de bailarina no meio da sala. Tudo o que vê consegue transformar em algo diferente de sua função inicial. Uma haste de madeira vira vara de condão, uma fronha velha passa a ser uma capa de rainha, assim como o lençol usado forma uma linda cabana.

O irmão tem pouco mais de um ano de diferença; é mais introvertido, gosta muito de fazer expedições no quintal da casa de seus tios, dublar seus personagens prediletos e inventar as próprias regras para brincadeiras já conhecidas. Ambos têm em comum a mania de corrigir as pessoas (se falarem algo errado perto deles), a criatividade e a imaginação!

Naquela manhã, seu tio estava consertando o carro, enquanto a tia, na cozinha, preparava mais uma de suas deliciosas receitas, quando a menina entrou:

- Tia, o que está fazendo? – perguntou, na ponta dos pés, tentando ver o que havia na tigela.
- É bolo de banana. Vocês não pediram ontem à noite?
- É mesmo, tia. Você falou ontem. Que cabeça a minha! – gritou, com alegria contagiante, a esperta menina, enquanto dava um tapinha na própria testa.
- Irmã, você não lembra que nossa tia nos ensinou sobre ter palavra? – replicou o menino, de cabelos cacheados e olhos escuros, que até se parecia um pouco com a tia. Dirigindo-se a

ela, complementou: – E as pessoas precisam cumprir o que dizem, senão, como vamos acreditar nelas?

- Exatamente, meu lindo! – exclamou a tia, pouco surpresa com mais um momento de reflexão de seu sobrinho.
- Tia, o que é ter palavra mesmo? – perguntou a futura bailarina, rodopiando pela cozinha.
- Bem, como seus avós me ensinaram, uma pessoa tem palavra quando cumpre o que diz. Se você não é capaz de fazer, é melhor nem falar.

O menino encheu o peito e disse:

- Eu acredito em você, no tio e na mamãe, porque sempre cumprem o que dizem. Nunca mentiram para a gente, não é, irmã?
- É mesmo, irmão. E a vovó também!
- E o que podemos fazer se alguém mentir para nós?

A tia colocou o bolo no forno, pegou os sobrinhos pelas mãos e os levou para fora da casa.

- Sentem aqui, por favor.

Sentou numa cadeira de balanço na varanda, enquanto as crianças acomodaram-se em almofadas, no chão.

- Vocês prestaram atenção ao bolo que fiz?
- Sim! – gritaram os dois
- Então... Quando escolhemos uma receita para ser preparada, selecionamos os melhores ingredientes. Passo a farinha pela peneira, descasco as bananas mais doces e separo os grãos mais firmes. O que vocês acham que acontecerá se eu colocar fermento vencido?



- Eu acho que o bolo não vai crescer! Bem, eu só acho... – disse o menino.
- Você está certíssimo! E o que eu terei que fazer com o bolo?
- Jogar fora, ué! – respondeu a menina, com as mãos na cintura.
- Você vai utilizar aquele fermento de novo?
- Não, porque eu não acredito que ele irá funcionar direito.
- Assim é a nossa palavra. A função do fermento é fazer o bolo crescer para que todos comam. Se uma pessoa diz algo e não cumpre, ela estraga tudo que poderia ser tão bonito. Pode ser uma amizade, um namoro, um casamento, até uma relação entre irmãos. Se prometemos alguma coisa e não nos esforçamos em realizar, ninguém mais acreditará quando dissermos algo em outra situação. A confiança não é encontrada em qualquer lugar, não sabemos como é quando nascemos e, se perdermos, acabou.
- Eu não minto! – disse, firme, o menino.
- Nem eu! – logo exclamou a pequena.

De repente, o menino olhou para o céu muito azul enquanto sua testa franziu, de seriedade.

– O que houve, meu filho? – perguntou o tio, preocupado ao chegar e vê-lo assim.

– É que eu estava pensando... – disse, como se pensasse em voz alta, e começou a procurar alguma coisa pela casa. Abriu a mochila, folheou seus cadernos e livros, abriu o estojo, tirou lápis, borracha e até o apontador, sem conseguir encontrar o que procurava. Entrou no quarto, saiu para a varanda, subiu na árvore, pulou de lá, correu para a garagem.

– O que foi, irmão? O que está procurando?

Ele abriu sua agendinha, tirou uma foto lá de dentro e observou, atentamente, a imagem do homem que estava no retrato. Respirou fundo e, após muito refletir, explicou:– Mais uma vez nossa tia falou a verdade, irmã. Ele sempre dizia que faria as coisas para nós, prometeu muito, mas não cumpriu. Aquela confiança que tínhamos nele se perdeu. Não achei em lugar nenhum...

A linda dançarina-mirim abraçou o irmão, sob os olhares atentos de seus tios, e disse:

– Não tem problema. Temos muitos fermentos bons em nossa vida que fazem crescer em nós bolos lindos e deliciosos, como os que nossa tia faz. Virou-se para a tia, perguntando: – Não é?

– Exatamente. Menina esperta! Tenham sempre em mente que nossa palavra é nossa maior riqueza. Se perder o valor, ficamos pobres, muito pobres.

THAYS ECI DA SILVA DE CASTRO

PI de Ciências e professora de Sala de Leitura
na E.M. Alexander Henryk Laks/7ª CRE

ENTRE TALHERES... OU ONTEM TEVE MARMELADA? TEVE E COMO TEVE!

UBIRACI MARQUES

“Respeitável público, sábado estreia O Grande Circo Alegria” – gritava o alto falante do carro de som. Aquela cidade do interior aguardava a volta do espetáculo. “Tragam as suas crianças, avós, ninguém pode ficar de fora!”

O local escolhido foi o amplo pátio de uma escola pública, aproveitando o período de férias. O caminhão enfeitado chegou, para a alegria das crianças, desfilando pela avenida central. “Mãe, quero ir!”, era o grito preferido dos pequeninos.

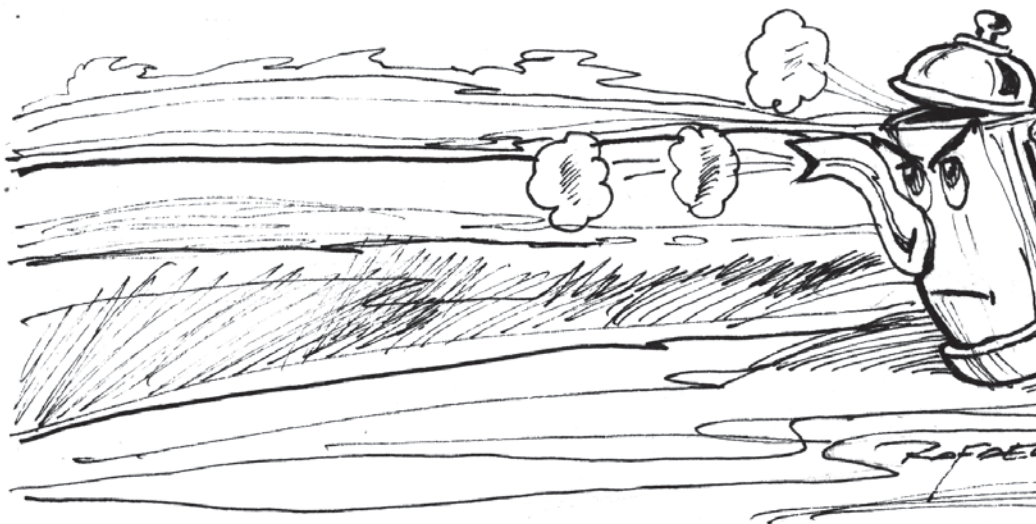
A trupe se instalou no terreno da escola. Em dois dias, já estavam montados a lona, o picadeiro e as arquibancadas de madeira. Tudo dentro do programa. Faltava apenas um dia para o grande sábado da estreia. Foi aí que lá na cozinha aconteceu um ‘bate panelas’ daqueles. “Acorda, acorda!” O silêncio foi interrompido. Era a vassoura que depois de uma ‘passeata’, limpando a sujeira do pátio, veio avisar apressadamente: O circo chegou, mais tarde vai ter ensaio!

Os talheres e utensílios, cansados com a rotina do 'nada das férias', não perderam tempo: pularam na pia. Garfos, facas e colheres tomaram aquele 'banho'. E quando a tarde chegou, foram dar uma espiada no ensaio.

É, MAS O ELEFANTE, com uma 'tromba', não gostou da ideia e, se não fosse o leão... Sou eu quem manda aqui! O ensaio é pra quem quiser ver! Enquanto isso, a faca com a boca 'afiada' falava mal de tudo no circo. E a colher de sobremesa nem quis entrar, acredite! Fez 'doce' (se pequenina tá assim... grande, imagina!).

O garfo (sua vida já é um buraco... melhor três!) saiu procurando sua amada, a colher, e, pasmem, a tábua de carne (fofoqueira) contou pro garfo que sua colher estava dando 'sopa' pro palhaço (aliás, bem que ele tem a fama de ser 'ladrão de colher').

A esta altura, a cozinha já estava cheirando mal! Jantou, digo, juntou foi 'gente'. O garfo partiu para espetar a colher, que, imediatamente, gritou. Concha, espátula e pegador foram apartar. Lá de dentro da cozinha, o bule, de cabeça quente e 'fervendo' por dentro, soltando fumaça pelo 'nariz', esbravejou: – Em briga de garfo e colher, ninguém mete a faca!





Quando o mágico pensou num jeito de sumir com os briguentos, acordaram o Joãozinho:

– Acorda, Joãozinho! Acorda! Oh menino, eu estou há meia hora chamando, tá na hora da aula! Eu falei que comer aquele prato no jantar, não ia dar certo. E ainda por cima um pote de marmelada...

Resultado: pesou no sono. Falou a noite toda: – colher, palhaço, garfo, circo... cruzeiros! Levanta e vai direto pro chuveiro! E sem gracinha, tá?! Porque você não é palhaço! E você já me disse que nem gosta de circo e sim de filme de aventura.

– Ah!, mamãe, pensando bem, eu acho que já estou mudando de ideia... é muita aventura junta.

UBIRACI MARQUES ARAGÃO

Agente educador II na E.M. Paraguai/5ª CRE

NO TRABALHO DA MAMÃE

MARIANA DE SOUZA MARTINS

Quando criança, a mãe de Marianinha de vez em quando a levava para o trabalho no período de férias escolares. Lá, havia várias mesas, todas equipadas com máquina de escrever (era uma das melhores tecnologias da época), telefone, grampeador, lápis, canetas e papéis nas gavetas, sendo que algumas ficavam desocupadas. Tudo que ela amava nessa vida! Pegava uma mesa e fazia dali seu escritório. Pegava o papel, colocava na máquina de escrever e formava palavras e frases, datilografando rapidinho (coisas que devem ser de outras vidas, porque a máquina era algo caro para se ter em casa e praticar).

Nessa brincadeira, ocorreram vários incidentes. Havia um balcão perto com uma garrafa de café beeeeeem docinho, cheio de açúcar. Tudo que sua mãe, a Nina, evitava lhe dar: café puro e com muito açúcar. Marianinha tomou porres daquela “droga” e a mãe nem soube. Talvez fosse isso que a fizesse digitar tão rápido na máquina de escrever.

Mariana cansou de contar as vezes em que atendeu ao telefone. Seu sonho era dizer: “Um momento, vou transferir para o ramal” e colocar aquela musiquinha enjoada para tocar no ouvido da pessoa, enquanto continuava seu trabalho importante atrás daquela mesa de escritório. Ajeitava os óculos e tudo. Girava na cadeira giratória que nem uma criança.

Mas quando resolvia parar e recomendar a digitar, ou melhor, a datilografar, virava mulher. E aí de quem risse de sua postura: “Veja se me respeita! Digito rápido, tomo café e atendo ao telefone!”...

Certa vez, uma colega de sua mãe estava por ali e a viu datilografar. Ela passou, descrente e rapidamente, por trás da cadeira em que Mariana estava sentada. Esta, ao perceber, continuou “seu trabalho”. A mulher se voltou, colocou os óculos, segurou o papel que estava preso à máquina e leu “abacaxi, maçã, uva, pera, laranja, quiabo, beterraba, batata, chuchu...”.

– Nossa, você está datilografando mesmo, achei que fosse brincadeira – comentou.

– Não, estou trabalhando – a menina respondeu.

A funcionária se dirigiu à Nina. Ainda bem que para elogiar sua filha. Em seguida, Nina foi lá para dizer que já era hora do almoço. Marianinha tirou, então, o papel da máquina e o guardou em “sua gaveta”. “Vai que alguém resolve copiar ‘meu trabalho’ ou mesmo jogar fora. Teria que começar tudo de novo!” – pensou.

Em outro momento, sentou-se à mesa e percebeu que lá estavam dois grampeadores. Um colega de sua mãe (desocupado, por certo), veio conversar com ela para distraí-la (tirar a concentração de “seu trabalho”). Gente boa demais. Adorava o tio Marcelo.

Depois de muito papo-furado, perguntou para ele por que havia dois grampeadores ali. Leu em um deles, a etiqueta onde estava escrito “Nanci”. O tio respondeu que ela havia usado aquela mesa e o deixou lá. Nisso, foi ler a etiqueta do outro, que dizia “Jurídica”. Imediatamente, perguntou quem era essa moça. Ele se acabou de rir e foi chamar a Nanci para rir também. Marianinha ficou com cara de riso, mas não estava entendendo qual era a graça. A Nanci também riu. A menina achou que eram dois bobocas. Aí ele veio corrigi-la, dizendo que Jurídica era um setor e ficava em outro andar.

A pequena, então, olhou fundo para o tio Marcelo e falou:

– Tio, você está vendo algum acento nessa palavra?

Ele respondeu que não e ela retrucou:



– Então não é Jurídica. É Jurídica. E para de rir de mim, porque quem não sabe ler aqui é você!

A Nanci riu da cara dele. Os três começaram a rir, como se ninguém tivesse trabalho para fazer. Um bando de desocupados. Não precisaria nem dizer que sua mãe também ficou sabendo dessa história.

De outra vez que foi lá, ficou rondando sua mãe com os materiais dela em cima da mesa. Viu duas coisas que a interessaram: uma caneta esferográfica roxa (era luxo na época) e um objeto redondinho com uma esponjinha úmida com água. Perguntou para Nina qual era o nome daquilo, mas ela não soube responder. Depois, descobriu que aquela umidade era água e servia para contar dinheiro. Umedecia-se o dedo e contava-se o dinheiro, ou passava-se uma papelada que estivesse grudada com mais facilidade.

Mas, antes de saber isso, achou que fosse um carimbo. Colocou o dedo na esponjinha e viu que estava sem tinta. Pegou-a da mesa de sua mãe e pediu tinta para carimbo a alguém, que lhe deu. Foi andando com as duas coisas nas mãos: a esponjinha e o tubo de tinta. Pingou umas duzentas gotas nela. Devolveu a tinta, toda feliz de seu trabalho social ao ajudar a mamãe, colocou a esponja no lugar e voltou para “sua mesa”. Daqui a pouco, Nina estava atrás dela com os dedos todos roxos, perguntando se a filha tinha colocado tinta ali!!!

É por essas e outras histórias que Marianinha foi uma criança que, realmente, teve infância.

MARIANA DE SOUZA MARTINS

PEF de Língua Portuguesa na E.M. Ceará/3ª CRE

O CARVALHO

ROSEMARY DIAS DE OLIVEIRA

Como todas as manhãs, um velho senhor passeava por entre as árvores de um parque, mas, aquela manhã não seria como as outras. Ele que sempre observava as árvores, os pássaros e as pessoas que passavam umas pelas outras sem se notarem, sentiu que agora estava sendo observado. E se deparou com um som que jamais havia ouvido; parecia um canto, um lamento, sei lá... O homem começou a procurar por todos os lados e não encontrava a origem desse som, até que o ruído ficou mais nítido; alguém começou a falar:

- Há quanto tempo que você vem aqui e não conversamos nunca?
- Quem é você? – o velho perguntou, assustado.
- Sou o Carvalho – o dono da voz se apresentou.
- Não consigo te ver, só te ouço.
- Estou aqui ao seu lado!

Quando ele se virou, notou que a voz vinha de uma velha árvore que estava ali desde que ele frequentava o lugar, quando ainda era um menino.

- Devo estar muito velho mesmo. Estou ouvindo uma árvore.
- Estamos, meu velho – disse a velha árvore.
- É, meu amigo. A vida nos prejudicou, estamos bem destruídos.
- As opções que você fez durante a sua vida (fumar, beber, passar noites em claro e trabalhar em demasia) podem ter deixado você acabado – comentou a sábia árvore. – Já eu, não tive opção; foram arrancando os meus galhos, escreveram com faca corações no meu



tronco sem eu estar apaixonada, queimaram velas na minha raiz sem eu ter feito promessas, caíram balões na minha copa sem eu estar comemorando nada.

- Verdade! O meu maior inimigo fui eu mesmo.
- É, meu amigo... Mas você que vem aqui nos observar o tempo todo, tire proveito dessas observações para a sua vida. Mesmo com todas as agressões que a natureza sofre, nós sempre estamos nos renovando, reflorescendo, revivendo.
- Então, seu Carvalho, vou deixar-me ser podado, deixar-me florescer.

Na hora que o parque fechou, o segurança que já era antigo conhecido do velho senhor, notou que ele não havia saído. Então, foi procurá-lo. Não o achou. Pensou que ele tivesse saído sem ser visto.

Na manhã seguinte, o velho senhor não apareceu como era de costume há vários anos. O guarda se distraiu com suas obrigações do dia e esqueceu o antigo conhecido. Quando passava por entre as árvores, reparou que o Carvalho estava mais florescido... com o tronco mais grosso. Parecia que eram duas pessoas abraçadas formando uma só.

ROSEMARY DIAS DE OLIVEIRA

PEF do Ciep Olga Benário Prestes / 1ª CRE

DOM RATÃO

NILDA GONÇALVES DA COSTA

Foi uma alegria só! Finalmente, minha família e eu saíamos do aluguel para vivermos a emoção de uma casa própria, na qual poderíamos fazer qualquer coisa, sem ter que dar satisfações ao “senhorio”.

Não era a casa dos meus sonhos. Estava mal conservada, precisando de uma boa reforma, com investimento em dinheiro que eu não tinha. Mas era a minha casa! Própria! Com bastante espaço. E a tal da reforma, claro, podia esperar. Por ora, precisava pensar na mudança e providenciar a posse do imóvel.

CHEGAMOS BEM DE MANSINHO! Meio tímidos, ainda, conhecendo o terreno e o imóvel que, a princípio, eram bastante agradáveis. A casa era bem arejada, os cômodos grandes, embora precisassem de um piso novo. O tamanho da cozinha deixava a desejar, mas havia condições para uma ampliação futura, e comecei a sonhar com isso. O quintal...

Ah! O quintal era bastante ensolarado, com uma área cimentada e outra com terra bem fofa, o que estimulou a ideia de meu marido de desenvolver uma horta bem pequena, que nos fornecesse alguns temperos e hortaliças.

– Querida, veja esse espaço: ele é perfeito para a minha plantação! – exclamou.

– Sim, será uma horta muito boa que aproveitarei para minha culinária! – disse para ele.

E continuamos a exploração pelo quintal, que nos parecia tão encantador. Havia uma escada que nos levava até a laje da casa. Fiquei devaneando sobre a perspectiva de construir, mais para o futuro, um andar para ampliar os aposentos da casa. Após tal incursão, envolvi-me com a arrumação da mudança e passei muitos dias nessa tarefa.

O que me espantou muito no lugar foi nunca ter percebido a presença de roedores, porque as pessoas diziam que casa atraía esses indesejáveis visitantes. Deduzi que poderia ser porque minhas duas vizinhas laterais tinham gatos. Muitos gatos, que não satisfeitos com seu espaço, resolveram passear pelo meu quintal, sujando-o com urina e fezes, que empestevam o local.

Mas, se esse era o preço que eu deveria pagar para não ter ratos na minha casa, aceitava de bom grado. E essa situação perdurou por um bom número de anos, rolando a maior tranquilidade no meu quintal.

Porém, existe um ditado que diz que tudo que é bom dura pouco. Pois é! Um dia, as vizinhas adoeceram e faleceram num curto espaço de tempo entre as duas mortes.

E os gatos foram-se, já que não havia mais quem os acolhesse. Na época, senti bastante o falecimento de duas vizinhas que, fora o incômodo do passeio dos gatos, não me davam qualquer problema.

Passaram-se algumas semanas e comecei a perceber mudanças no meu quintal. Jornais rasgados, objetos derrubados e restos de comida espalhados por vários lugares preocuparam-me bastante.

Certo dia, colocando roupa na corda, avistei um rato. Era bem grande, com porte bastante elegante, parecido com um cachorro de raça, bem pomposo. Seus olhos eram vermelhos, sua pelagem cinzenta era bem brilhosa, com ares estilosos e charmosos.

OUSADO! SEM MEDO DE NADA, parou, encarou-me, como se estivesse me chamando para briga. Fiquei ali, paralisada, sem saber o que fazer. O medo que ele não tinha era o que subia por todo meu corpo mantendo-me imóvel, sem saber o que fazer.

Percebendo que era o dono da situação, ficou gingando na minha frente, até desistir e tomar outro rumo que não fosse cruzar comigo, não por medo, mas por mero desprezo.

FOI-SE EMBORA DO JEITO QUE CHEGOU,

confiando talvez no seu porte altivo e charmoso que eu, pecaminosamente, achava. Por isso, resolvi nomear-lhe de Dom Ratão, levando na brincadeira essa aparição ousada, achando que ele estava com os dias contados naqueles domínios que eram meus.

À noite, quando meu marido chegou do trabalho, contei-lhe o fato:

– Essa manhã, apareceu um rato tão grande, tão gordo e tão bem tratado que parecia mais um cão de raça. Pôs-me bastante medo e foi-se.

Disse-me, com a mesma calma e tranquilidade com a qual tinha chegado:

– Não se preocupe, dou conta dele por esses dias.

Que nada! Dom Ratão tirou muita onda no nosso quintal. Ia e vinha a qualquer hora do dia. Escapou do papel-cola, que colocávamos várias vezes. Chumbinho, mesmo sendo proibido o uso, era ignorado por ele. Parecia até dotado de raciocínio, pois só pegava a comida que não estava contaminada com o veneno.



Dom Ratão, cada vez mais folgado, adquiria pretensões de tornar-se rei do pedaço. Engordava a olhos vistos e ganhava uma pelagem grisalha que passava, para quem via, a tranquilidade que desfrutava no nosso quintal. Seria mesmo nosso?

Certo dia, enjoado das mesmices daquele quintal, que se tornara sua propriedade “por usucapião”, resolveu ampliar seus domínios para outras áreas.

Num erro de avaliação, mudou o nível e decidiu invadir o segundo piso, achando que o seu domínio, como fora o de Átila, rei dos Hunos, se expandiria sem maiores problemas. Ledo engano.

Não sei se foi acaso, destino ou azar... Só sei que Dom Ratão, numa escalada trágica, escorregou, indo cair direto dentro de um balde liso e profundo, que se encontrava largado no quintal.

Desesperado pela surpresa do acontecido, tentou de todas as formas escapar. Mas, infelizmente para ele, não foi possível superar este que seria o último obstáculo da sua gloriosa vida. Feneceu após duas estocadas com um cepo de madeira dado pelo meu marido, que não tinha nem medo, nem nojo desse ser abominável, embora pomposo.

Por fim, foi envolvido por uma solução bactericida, e jaz, sem glória e sem lápide, numa cova rasa no mesmo quintal que dominou com tanto orgulho durante muito tempo.

Há reis sem majestade; há príncipes sem realeza; e há ratos que podem ser chamados de Dom.

Deixou herdeiros? Veremos...

NILDA GONÇALVES DA COSTA

PI de Língua Portuguesa da E.M. Holanda/I Iª CRE

AS BOLAS

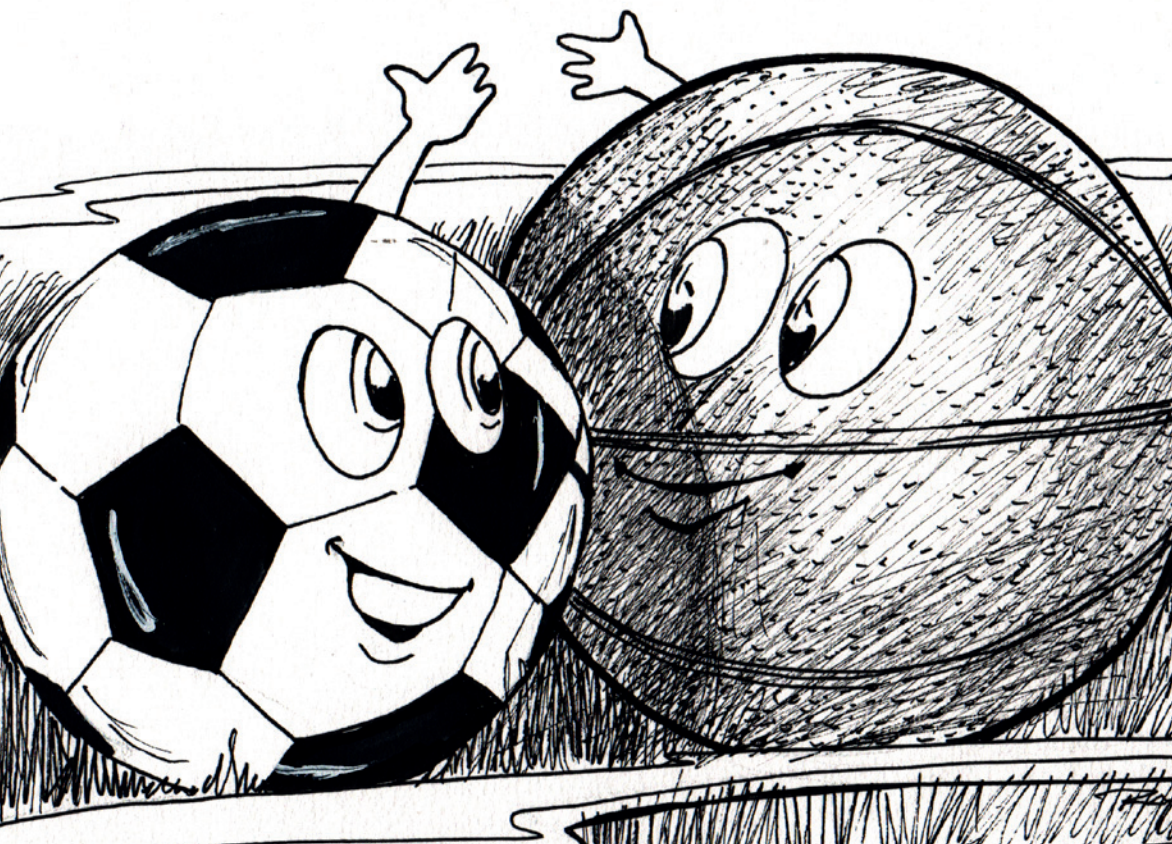
AYDES CALHEIRO E LUCIA RAYOL

Duas bolas conversavam no pátio da escola. A bola de basquete perguntou para a de futebol:

– Por que será que os alunos gostam tanto das aulas de Educação Física?

A bola de futebol respondeu:

– Por nossa causa. Todos gostam da gente. Somos de várias cores e tamanhos. Dependendo do esporte praticado, proporcionamos alegria e tristeza. Quem ganha o jogo fica alegre e quem perde fica triste. Podemos transformar vidas. Quem é pobre pode ficar rico, se tiver habilidade nos pés ou nas mãos.



A bola de basquete falou:

- Você tem toda razão. Onde chegamos, roubamos a cena, podemos ser moles ou duros, rolamos e pulamos, também podemos ser feitas por vários materiais: couro, plástico, meia e até mesmo papel. O mais importante é que todos se divertem com a gente.

A bola de futebol completou:

- Existem pessoas que estão com a bola cheia; outras com a bola murcha. Não sei como existem pessoas que não gostam da gente. Para essas, nem dou bola.

E AS DUAS SE PERGUNTARAM:

- Quem será que inventou a bola?

AYDES CALHEIRO E LUCIA RAYOL

PI de Educação Física no Ciep Gregório Bezerra/4ª CRE

Os textos reunidos nesta segunda coletânea do Projeto A Arte dos Contos refletem não apenas o olhar sensível e criativo de seus autores, profissionais de diversas escolas da Rede Pública Municipal de Ensino, mas, também, sua generosidade em partilhá-los com os leitores.

Em cada escola participante do projeto, as leituras e as rodas de conversa realizadas, inspiradas por renomados autores de nossa literatura, traduziram-se em textos que agora se oferecem aos nossos jovens leitores, estudantes cariocas, na esperança de que este ato generoso os estimule a novas leituras e à escrita de suas próprias histórias.

Ações como esta reafirmam a importância da união de esforços em torno de propostas diferenciadas e realimentam a nossa crença na força do texto literário para fazer de cada escola uma escola leitora, com potência formadora de novos leitores.

Parabenizamos e agradecemos a todos os autores desta coletânea e convidamos nossos alunos ao mergulho afetuoso nestas leituras.

Talma Romero Suane
Secretária Municipal de
Educação – SME

A ARTE DOS CONTOS

Infantil e Juvenil



“Ana subiu, rapidamente, e começou a atirar as mangas. Carlos, Bete e Elisa recolhiam as frutas no saco quando, de repente, André gritou: – A bruxa vem vindo! A bruxa vem vindo!”

“Ao procurarem a bola, depararam-se com aquela criatura aterrorizante observando-os, atentamente, e pronta para dar o bote. Mas algo em seu corpo a tornava mais lenta.

– Cuidado Pitoco! Sai daí! A tal cobra gigante está atrás de você! – Tripa gritou, apavorado.”

“A menina não sabia o que fazer. Tudo o que queria era ser aceita, não ser mais ofendida, diariamente, pelos colegas.”

“Enquanto Luiz ainda estava próximo à avó, após as doze badaladas da meia-noite, algo sobrenatural, insistentemente, começou a arranhar a porta principal do casarão.”



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60354-45-0



9 788560 354450

MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ
Brasil • CEP 22260-210

Central de Atendimento ao Cidadão: 1746

Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br